



MEDIAÇÕES SIMBÓLICAS:
divergências e similaridades como possibilidade dialogal
das manifestações do supra-humano na dinâmica psíquica

SYMBOLIC MEDIATIONS:
*divergences and similarities as a dialogical possibility
of supra-human manifestations in psychic dynamics*

MEDIACIONES SIMBÓLICAS:
*divergencias y similitudes como posibilidad dialogal de las
manifestaciones de lo sobrehumano en la dinámica psíquica*

Soraya Cristina Dias Ferreira*

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião.
Belo Horizonte, MG, São Paulo, SP, Brasil.
E-mail: sorayacferreirapb@gmail.com
ORCID: [0000-0003-1294-9929](https://orcid.org/0000-0003-1294-9929)

RESUMO

Nosso mundo contemporâneo ainda se depara com a insaciabilidade das respostas encontradas para o entendimento dos mistérios: Deus, o Universo e o Humano. Esse artigo tem a intencionalidade de continuar amplificando esse diálogo, embasando-se em concepções teóricas que valorizam a importância das manifestações advindas das linguagens imagéticas que continuamente tocam a natureza da energia psíquica. Para tanto, vamos buscar compreender, mediante os aportes científicos da Psicologia Complexa de Carl Gustav Jung, como os símbolos vivos, com suas expressões de similaridades e divergências compensatórias, podem ser reconhecidos como possíveis canais condutores de uma profícua mediação simbólica entre a natureza psíquica e os desvelamentos do supra-humano. Mediações pelas quais a gratuidade do Princípio Transcendente move as imagens arquetípicas que se doam em sinfonias que levam o humano a se integrar responsavelmente com a pluralidade da natureza viva e com tudo que nela circunda.

Palavras-chave: Deus; Universo; O ser humano.

ABSTRACT

Our contemporary world is still faced with the insatiability of the answers found for the understanding of the mysteries: God, the Universe and the Human. This article has the intentionality to continue amplifying this dialogue, based on theoretical conceptions that value the importance of the manifestations arising from the imagery languages that continuously touch the nature of psychic energy. To this end, we will seek to understand, through the scientific contributions of Complex Psychology of Carl Gustav Jung, how the living symbols, with their expressions of similarities and compensatory divergences, can be recognized as possible

* Doutorado e Mestrado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Graduada em Psicologia pela Fundação Mineira de Educação e Cultura.

conductive channels of a fruitful symbolic mediation between the psychic nature and the unveilings of the super-human, mediations by which the gratuitousness of the Transcendent Principle moves the archetypal images that give of themselves in symphonies that take the human to integrate responsibly with the plurality of living nature and with everything that surrounds it.

Keywords: God; Universe; The human being.

RESUMEN

Nuestro mundo contemporáneo todavía se enfrenta a la insaciabilidad de las respuestas encontradas para la comprensión de los misterios: Dios, el Universo y el Humano. Este artículo pretende continuar ampliando este diálogo, basado en concepciones teóricas que valoran la importancia de las manifestaciones que surgen de los lenguajes imagéticos que tocan continuamente la naturaleza de la energía psíquica. Con este fin, buscaremos comprender, a través de las contribuciones científicas de la Psicología Compleja de Carl Gustav Jung, cómo los símbolos vivos, con sus expresiones de similitudes y divergencias compensatorias, pueden ser reconocidos como posibles canales que conducen a una mediación simbólica fructífera entre la naturaleza psíquica y las revelaciones de lo sobrehumano, meditaciones por las cuales la gratuidad del Principio Trascendente mueve las imágenes arquetípicas que se dan en sinfonías que llevan al humano a integrarse responsablemente con la pluralidad de la naturaleza viva y con todo lo que la rodea.

Palabras Clave: Dios; Universo; El ser humano.

1 INTRODUÇÃO

O humano é considerado um animal simbólico por natureza, mas também dotado de uma razão que supostamente o diferencia das demais espécies. Através desta plasticidade presente em si, produz inúmeras representações, decodificações, narrativas e expressões que podem, se profundamente analisadas, contribuir para uma necessária aproximação inter-religiosa, espiritual e mística. Isto porque a dinâmica espontânea da Vida Simbólica¹ também possui infinitas revelações das partículas obscuras do supra-humano², que se desvelam na junção mundo interno/psíquico e mundo circundante/natureza viva e inerte, alinhavados pelas divergências e similaridades apresentadas pela história da cultura religiosa em ressonância com as múltiplas experiências da natureza psíquica.

No entendimento dessa trajetória das manifestações mediadoras dos símbolos que nos colocam em contato com fenômenos religiosos, arreligiosos, espirituais e místicos, é perceptível verificar que, apesar do avanço das contribuições interdisciplinares entre as Ciências da Religião, Ciências Humanas e demais Ciências, que com elas fazem interfaces,

¹ O contexto reflexivo sobre a Vida Simbólica e sua função mediadora na experiência do humano será abordado a partir do pensamento de Carl Gustav Jung (1875-1961). Para o autor, os símbolos devem ser considerados uma energia psicodinâmica capaz de levar o humano a captar, através da intuição e da imaginação ativa, o sentido emanado pelo símbolo que a ele se apresenta, elevando o seu sentido ao nível da consciência.

² O termo está sendo usado para expressá-lo como essência primeira, aberta ao horizonte móvel do Universo/Cosmo e do humano. Um Todo que em tudo habita, desvelando na experiência das profundidades do humano psíquico — com suas limitações objetivas do saber — o seu infinito mistério.

algumas perguntas centrais ainda se encontram no horizonte do mistério: Deus, a Origem do Universo e o Humano. Esta complexa temática desperta em nós o contínuo interesse pelas obscuridades do supra-humano, que, de forma intensa, plural e simbólica, desafia o nosso entendimento, ou seja, nossa realidade consciente. Suas singularidades e diversidades nos posicionam na certeza do nosso objetivo central, que é de apenas amplificar o assunto com plena consciência que diante das inúmeras concepções humanas já apresentadas na história da psicologia da religião, com suas leituras aproximativas, díspares e/ou rebuscadas pelo teor teórico qualitativo, fica-nos claro que nenhuma carrega em si a verdade.

Portanto, selecionar a que melhor se adequa às nossas próprias convicções científicas e encaminhar para o limbo aquelas que o crivo da razão ainda não a percebe como parte possível para constituição de seus próprios argumentos é uma tarefa ineficaz para a compreensão das complexas manifestações *numinosas* presentes na natureza da energia psíquica. Como ponto de partida, é salutar reconhecermos que as diferentes manifestações do universo simbólico – aqui reconhecido como força espontânea manifestada na dinâmica da natureza psíquica – consideradas cientificamente com lacunas inapreensíveis à consciência possuem sua infinita e misteriosa forma de desvelar-se ao humano. Jung, criador da construtiva Psicologia Complexa – mais conhecida em nosso tempo moderno como Psicologia Analítica –, nos afirma que:

A experiência no campo da psicologia analítica nos tem mostrado abundantemente que o consciente e o inconsciente raramente estão de acordo no que se refere a seus conteúdos e tendências. Esta falta de paralelismo, como nos ensina a experiência, não é meramente acidental ou sem propósito, mas se deve ao fato de que o inconsciente se comporta de maneira compensatória ou complementar à consciência. Podemos intervir a formulação e dizer que a consciência se comporta de maneira compensatória com relação ao inconsciente. A razão desta relação é que: 1) os conteúdos do inconsciente possuem um valor liminar, de sorte que todos os elementos por demais débeis permanecem no inconsciente; 2) a consciência, devido a suas funções dirigidas, exerce uma *inibição* (que Freud chama de censura) sobre todo o material incompatível, em consequência do que, este material incompatível mergulha no inconsciente; 3) a consciência é um *processo momentâneo de adaptação*, ao passo que o inconsciente contém não só todo o material esquecido do passado individual, mas todos os traços funcionais herdados que constituem a estrutura do espírito humano e 4) o inconsciente contém todas as combinações da fantasia que ainda não ultrapassaram a intensidade limiar e, com o correr do tempo e em circunstâncias favoráveis, entrarão no campo luminoso da consciência (Jung, 2011, v. 8/2, §132, p.13-14, grifos do autor).

Neste sentido, para que essas persistentes tendências diretivas/conscientes e simbólicas/inconscientes, intrínsecas na natureza da energia psíquica – que mobilizam o entendimento humano e científico – possam continuar trazendo respostas e/ou

contribuições mais aprofundadas para o entendimento dos vários seguimentos religiosos, arreligiosos, espirituais e místicos que surgem, ressurgem e se revitalizam no mundo contemporâneo, torna-se necessário que a objetividade do saber reaja sem resistências às contínuas forças duais. Caso contrário, diante de concepções que privilegiam apenas partes, pares de opostos lidos como apreensões estanques pela busca por um empirismo surreal, o reconhecimento da polifonia apresentada nas diversas vias da linguagem imagética que espontaneamente se manifestam nos recônditos da alma humana continuará sendo negligenciado.

Por isso, reafirmar a importância de um retorno ao entendimento aproximativo das diversas formas de manifestações do supra-humano no universo, mais especificamente na alma humana, é abrir-se para um despertar do ser tríade (corpo, alma/psique, espírito) que é afetado por emanções que ultrapassam sua percepção objetiva. E, não poucas vezes, ultrapassam até mesmo os constructos de sua consciência religiosa curativa, pois ressonâncias de tonalidades conscientes e inconscientes religam sua natureza a *forças numinosas* que comprovam o destino afetivo da alma. Jung denomina a tensão/força compensatória³, na qual não podemos buscar compreender a diretividade da consciência sem inferências do estado inconsciente (e vice-versa), de Função Transcendente.

2 POSSIBILIDADES COMPENSATÓRIAS ENTRE A NATUREZA PSÍQUICA E OS SÍMBOLOS

Em um mundo de expressões, singulares e plurais, é preciso que a condicionante valorização de forças compensatórias causais e acasais, permeadas por manifestações conscientes, inconscientes e arquetípicas⁴, se convirja para o reconhecimento dos seus diferentes canais condutores. Estas divergências e similaridades que se apresentam com autonomia, na dinâmica da natureza da energia psíquica religiosa, espiritual e/ou mística, são, para Jung, possibilidades opositoras, manifestas através das tonalidades afetivas causadas também pelo efeito do numinoso, que de certo modo contribuem para a permanência e abrangência do universo simbólico, ou seja, dos inumeráveis símbolos vivos.

Dessa forma, contraria grandes psicólogos da via negativa que afirmaram que chegaríamos a um determinado ponto em que a religião não seria necessária ao

³ Compreendemos por Forças Compensatórias uma dinâmica espontânea que acontece na natureza psíquica para que as instâncias consciente, inconsciente pessoal e inconsciente coletivo (imagens espontaneamente herdadas) se equalizem. Necessário, portanto, haver uma tensão que ativa estes contrários na energia da natureza psíquica.

⁴ O conceito de arquétipo em Jung está relacionado às manifestações do Inconsciente Coletivo. Este é regido por imagens primordiais, consideradas patrimônio de toda humanidade.

desenvolvimento da humanidade, por ter em sua base de constituição um humano que simbolicamente por falta de criticidade reproduzia suas projeções e ilusões. Neste curso de ideias, encontramos Sigmund Freud (1856-1939), também da matriz da Psicologia Profunda, que:

[...] aborda o fenômeno religioso chegando à afirmativa de ser a religião uma neurose universal, pois cria na civilização sentimentos religiosos vinculados a uma dependência emocional na figura do pai. Para tanto, ele apresenta dois conceitos primários: o recalque e o complexo de Édipo, ambos explicitados na existência de processos mentais inconscientes que podem causar certos distúrbios traumáticos. O recalque é um agente ativo que impede os conteúdos do inconsciente de serem reconhecidos pela consciência, reafirmando o conflito entre as instâncias denominadas por Freud de ID, Ego e Superego. Já a neurose seria o resultado do recalque que ocorre nos primórdios da infância, mais especificamente na relação libidinal onde a criança em suas descobertas sexuais é despertada para uma relação de apego emocional ao genitor do sexo oposto e uma atitude de rivalidade diante do que tem o mesmo sexo. Pensamento espelhado na tragédia grega do Édipo Rei que leva Freud a abandonar a teoria da sedução para se fundamentar na teoria que afirma a origem da neurose em fantasias inconscientes, concretizando assim o surgimento da Psicanálise (Ferreira, 2017, p. 22-23).

Por outros meios não reducionistas, observa-se que como tendências opostas irrompem na consciência de forma construtiva, potencialidades obscuras mutáveis emergem na alma, demonstrando que a ação espontânea dos símbolos vivos está para além de estados mentais neuróticos e sinais culturais. Esse movimento dual cumpre uma função reguladora que orienta a consciência, possibilitando que uma introversão construtiva da libido transformacional aconteça e priorizando um diálogo hermenêutico entre o humano relacional, ligado pelas teias expressivas do mundo simbólico que misteriosamente o circunda, por dentro e por fora. Edward Schillebeeckx (1914-2009) afirma que:

A atividade simbolizante, que se nota sobretudo em experiências de transcendências, não se realiza primariamente no nível da reflexão consciente, mas no umbral da passagem da subconsciência para a consciência. Além de seu próprio valor, enquanto visualização de uma realidade transcendente, símbolos, enquanto expressão metafórica de determinada experiência, ligam a consciência explícita com a corrente de todo o nosso mundo inconsciente (Schillebeeckx, 1994, p. 39).

Daí a relevância do entendimento dessas forças conscientes e inconscientes, que lidam com a suposta totalidade psíquica em interações cósmicas incertas, na tentativa de colocar em diálogo as infinitas linguagens de expressão que o humano produz e reproduz, a partir de sua aproximação/decifração do inesgotável problema Deus, pois tudo o que apreendemos intelectivamente continua sendo, cada vez mais, uma parte de tudo o que nos transcende e ainda permanece presente nos ecos das diversificadas linguagens emanadas

pelo finito humano em sua breve participação existencial.

Deste modo, reafirma-se a necessidade de existirem similaridades e diversidades, nas quais o humano, desejando ou não, segundo Jung, é afetado por sua alma *naturaliter religiosa*⁵, dinamicidade por nós reconhecida por estarmos religados ao *Princípio Transcendente*⁶, o qual emana na alma princípios de formulação criativa que cumprem em sua natureza psíquica um papel mediador preponderantemente curativo. Nesse contexto, somos convidados a reconhecer a importância de um entendimento que busque também compreender a relevância relacional e coexistente nas conexões que aproximam a humanidade do que ela, de diferentes maneiras, denomina de fenômeno sem-religião, espiritual, transcendente, místico e *numinoso*. A temática religião aparece como resposta a essa ligação não diretiva, que une o humano ao mistério Deus e à trama do universo. De acordo com a concepção de Teilhard de Chardin (1881-1995):

Em uma primeira fase — anterior ao homem — a atração era vital ainda que cegamente recebida pelo Mundo. A partir do homem, se desperta, ao menos parcialmente, na liberdade reflexiva e suscita a Religião. A religião, que não é uma crise — ou uma opção, ou uma intuição — estritamente individual, se não que representa a larga explicação, através da experiência coletiva da humanidade inteira, do Ser de Deus⁷ (Chardin, 1967, p. 50, tradução nossa).

Além disso, Jung, ao apreciar o entendimento do teólogo Rudolf Otto (1869-1937), a respeito do *numinoso* nas profundezas da alma religiosa, com seus aspectos que arrebatam e move, sendo “[...] irracional, ou seja, não pode ser explicitado em conceitos, somente poderá ser indicado pela reação de sentimento desencadeado na psique [...]” (Otto, 2007, p. 46), assim se posiciona:

Religião é — como diz o vocábulo latino *religere* — uma *acurada e conscienciosa observação* daquilo que Rudolf Otto acertadamente chamou de “numinoso”, isto é, uma existência ou um efeito dinâmico não causado por um ato arbitrário. Pelo contrário, o efeito se apodera e domina o sujeito humano, mais sua vítima do que seu criador. Qualquer que

⁵ Considera Jung que a psique é *naturalmente religiosa*, ou seja, dotada de uma função religiosa/espiritual que ultrapassa o campo das ideias, pois ela é intermediada pela presença *a priori* de imagens primordiais/arquetípicas que compensatoriamente pode transformar os conflitos psíquicos em processos de inteireza.

⁶ Força que consideramos advir do germe da criação, que atua no humano para além do estado natural da *libido/appetitus*, movimenta-o para um despertar cuja máxima interioridade o leva a experienciar um reconfortante *repouso em curso*. Mesmo sendo um experienciar nato presente no dinamismo psíquico, são os relatos da via espiritual e mística que nos leva a intuí-lo. Ver (Ferreira, 2024, p. 346).

⁷ *En una primera fase — anterior al Hombre — la atracción era vital aunque ciegamente recibida por el Mundo. A partir del Hombre, se despierta, al menos parcialmente, en la libertad reflexiva y suscita la Religión. La Religión, que no es una crisis — o una opción, o una intuición — estrictamente individual, sino que representa la larga explicación, a través de la experiencia colectiva de la Humanidad entera, del Ser de Dios.*

seja a sua causa, o numinoso constitui uma condição do sujeito, e é independente de sua vontade. De qualquer modo, tal como o *consensus gentium*, a doutrina religiosa mostra-nos invariavelmente e em toda a parte que esta condição deve estar ligada a uma causa externa ao indivíduo. O numinoso pode ser a propriedade de um objeto visível, ou o influxo de uma presença invisível, que produzem uma modificação especial na consciência. Tal é, pelo menos, a regra universal (Jung, 2011, v. 11/1, § 6, p. 19, grifos do autor).

Por este lado, seguindo sua inclinação para o entendimento do que acontece no mundo interior do humano, Jung irá nos confirmar e alertar, através dos seus vastos escritos que aprofundam os fenômenos religiosos orientais e ocidentais, que:

[...] as ideias religiosas na realidade psicológica não se apoiam unicamente na fé, mas se originam também dos arquétipos, cuja ‘cuidadosa consideração’ (*religere!*) constitui a natureza da religião [...]. Da mesma forma como o arquétipo é, sob certos aspectos, um fator espiritual e, sob outros aspectos, como que um sentido oculto, imanente ao instinto, também o espírito é, ao mesmo tempo, um grande perigo⁸. É como se o homem fosse destinado a desempenhar um papel decisivo na solução de problemas e a resolvê-lo em virtude de sua consciência que é como um foco de luz que se projeta sobre o abismo tenebroso. Entretanto, nada sabemos, por assim dizer, com certeza acerca desta matéria, sobretudo ali onde florescem os “ismos” que não passam de substitutivos sofisticados do elo perdido de ligação com a realidade psíquica. A massificação da psique daí resultante infalivelmente destrói o sentido do indivíduo e, conseqüentemente, também a cultura em geral (Jung, 2011, v. 8/2, § 427, p. 172, grifos do autor).

Diferente da autonomia dos complexos pessoais (muitas vezes permeados por processos de colonização que geraram sérias cicatrizes, expandidas para a ordem natural do universo religioso dos povos primordiais e seus descendentes) e dos conflitos psíquicos coletivos que retardam em maior espectro a evolução da humanidade, as manifestações do *numinoso* produzem na consciência mais que ideias subjetivas e interculturais. Sua numinosidade direciona o humano que tenta penetrar no desconhecido para experiências de estados de sentimento que podem culminar em estados arquetípicos curativos, ou seja, em vivências de totalidade psíquica/*Self*. Consciência coletiva e consciência subjetiva, portanto, não acontecem sem a integração dos aspectos sombrios que exercem forças unilaterais. É necessário, assim, que o eu desperte para estados de compensação que englobam o mundo dos fenômenos, ou seja: mundo circundante ambivalente em conciliação unitiva com processos de individuação (realizações expressivas do si mesmo), que culminam em estado de inteireza psicofísica-espiritual.

São esses contínuos esforços de apreensão que reafirmam a necessidade de que as

⁸ Fato este excelentemente expresso na lógica de Jesus, citado por Orígenes (*In: Jeremhom*, XX, 3): ‘Quem está perto de mim, está perto do fogo. Quem está longe de mim, está longe do reino’. Esta ‘palavra do Senhor’ se refere a Is 33,14 (Jung, Nota de rodapé, v. 8/2, p. 172).

concepções plurais sobre o fenômeno supra-humano já manifestas, ou não, continuam sendo aprimoradas pela direção da consciência e pelos movimentos da alma com suas alusões simbólicas. Sejam essas formulações empíricas, estruturais, analíticas, narrativas, poéticas ou mitológicas, elas são possibilidades mediadoras com as quais nossas funções cognitivas, psíquicas e espirituais entram em sintonia com o ato transformacional gerado pelo equilíbrio das funções conscientes ampliadas e de um inconsciente que transcende os níveis pessoais por agirem na indestrutibilidade do eu, através de conteúdos espontaneamente herdados. Talvez essa atuação seja para nos revelar que o que nos separa são apenas pontos divergentes que podem se convergir naquilo que em essência nos é comum: a nossa essência de criatura. Portanto, “A confrontação é conduzida a partir do eu, embora deixando que o inconsciente também fale — *audiatur et altera pars* (ouça-se também a outra parte)” (Jung, 2011, v. 8/2, § 185, p. 35, grifos do autor).

Essa força inconsciente que ultrapassa o próprio humano, porque na realidade possui uma parte coletiva universal que o atravessa, é uma amplificação compensatória que pode ajudá-lo no entendimento de suas próprias crenças, ideias ateístas ou práticas espirituais com ou sem vínculos com alguma religião formal e/ou objeto materialmente simbolizado. Isso porque toda aproximação desse entendimento requer uma leitura de sua própria experiência na teia relacional que se insere através do livre-arbítrio e/ou por simplesmente ter o humano recebido sua misteriosa origem identitária. Como responde Jung a *To Maud Oakes*, em carta datada em 11/2/1956, até mesmo uma pedra deve ser compreendida “na teia secreta de fios que a relacionam com o meio ambiente”, pois símbolos:

São meras alusões, eles indicam algo, eles balbuciam e muitas vezes perdem o caminho. Eles procuram apenas apontar para certa direção, isto é, para aqueles horizontes obscuros para além dos quais está o segredo da existência. Eles não são nenhuma gnose, não são afirmações metafísicas. Em parte, são até mesmo tentativas fúteis ou duvidosas de expressar o inefável. Por isso seu número é infinito e a validade de cada um é incerta. Nada mais são do que humildes tentativas de formular, definir e dar forma ao indivisível. ‘*Wo fass ich Dich, unendliche Natur?*’ (Fausto). Não é uma doutrina, mas simples expressão da experiência de um mistério inefável e uma resposta a isto (Jung, 2002, Cartas III, p. 14-15, grifos do autor).

Outrossim, o expressar-se em diversas linguagens compensatórias que comunicam um experienciar multifacetado pela contínua produção de signos religiosos e/ou não religiosos (produções mentais) e por símbolos vivos capazes de tornar a consciência ampliada (componentes do sentir/reações emotivas) deve ser compreendido sem enganos reflexivos e afetivos. Esse fato nos leva a considerar o despertar da consciência pelo inconsciente um estado nobre, pois ser biológico e psíquico se coaduna com a tríade

humana: corpo físico, mente (percepção, memória, linguagem) e espírito (ressonâncias do sentir intelectual e afetivo). Como o não psíquico encontra-se em reciprocidade com a natureza psíquica, essa dinâmica nos insere na amplitude dos fenômenos espirituais que se doam em movimentos de confrontações-compensações, resultando em novos estados de inteireza relacional.

2.1 Na amplitude relacional das dimensões: Deus, o Universo e a Humanidade

Diante do *finito aberto*⁹ e do infinito que nos cercam, podemos considerar as revelações do caminhar da humanidade como possibilidades de apreensão às partes dos mistérios aqui analisados: Deus, a Origem do Universo e o Humano. Mas como pensá-los na amplitude relacional que os compõe? Essa pergunta, como já demonstrado, requer em si a necessidade de várias vias de acesso, uma vez que a maioria das ciências interage com sua complexidade, valorizando sempre a função pensamento/razão, como se as demais funções psíquicas¹⁰ fossem desnecessárias ao esforço de seu próprio entendimento relacional.

Também ocorre de o humano ser reconhecido como parte principal desse processo, o que o distancia da compreensão de ele ser apenas uma das partes desta fantástica arquitetura cósmica. Talvez por ser a Terra supostamente o único lugar onde a vida humana pulsa, introduzindo suas forças involutivas e evolutivas, concretas e imaginativas, captadas pelo dinamismo mental e emocional que interpreta e apresenta infinitas hipóteses sobre os paradoxos existentes entre: mundo dado/externo a nós, mundo imaginado externalizado ou não pelo humano e mundo interno subjetivo. Enfim, captações que se incorporam no receptáculo existencial humano, conferindo-lhe concretudes e, poucas vezes, humildade diante do mistério.

Em decorrência desses múltiplos fatores, o fenômeno religioso — mais especificamente o *numinoso* que espontaneamente circunda o humano —, quando analisado por uma série de vertentes (dentre elas as narrativas de construções ficcionais, a descoberta

⁹ O sentido desta expressão é para poder dizer sobre algo que carrega em si uma *finitude* que retorna à *infinitude*, pois o humano contém partes de si que são devolvidas ao cosmo ou que vivem na esfera emocional de quem com ele se relacionou. Portanto, essa capacidade nata não encerra, nem mesmo com a morte, a fluidez do seu existir. Quando ela se abre para a dimensão espiritual, o corpo *finito* se insere no *finito aberto* como corpo espiritual (Ferreira, 2024, p. 22).

¹⁰ Para Jung, o ser humano possui em sua dinâmica psíquica quatro funções: pensamento, sentimento, sensação e intuição. O fato de dar importância à totalidade dessas funções distingue sua teoria de muitas outras abordagens psicológicas, pois, para ele, as funções integradas proporcionam ao humano a clareza do seu processo de individuação (tornar-se si mesmo). Sendo, portanto, necessário um despertar para as desenvolvimentos dos dinamismos da Consciência que nasce do Inconsciente.

do inconsciente pessoal e coletivo, a metafísica, entre outras) recebe críticas quanto ao seu alcance para com as contribuições consideradas científicas. Essa situação se dá pelo não reconhecimento de que o vivido começa pelo *Princípio Transcendente* e que o caráter imaginativo está para além das possíveis narrativas reais, ficcionais e/ou plurais. Ou seja, em um misto de intensidades no qual o imaginário toca o real, quando contracenando com o ato criativo e com elementos da sua própria natureza. Segundo Jung, esta plasticidade nos leva a considerar que “O símbolo, observado sob o ponto de vista do realismo, não é uma verdade concreta, mas psicologicamente ele é verdadeiro, pois foi e continua sendo a ponte para as maiores conquistas da humanidade” (Jung, 2011, v. 5, § 343, p. 276).

Implicadas nessa problemática surgem, então, outras necessidades, dentre elas a de apreender, associar e amplificar o entendimento dessa participação do humano microcosmo no macrocosmo. Essa participação não se move apenas por causalidades e similaridades, mas também por divergências e sincronicidades¹¹ que mobilizam e potencializam novos renascimentos e finitudes. Nessa circunstância, pode-se perceber que o nosso tipo psicológico (que tende para extroversão ou introspecção) e as nossas quatro funções psíquicas: pensamento, sentimento, sensação e intuição (que bailam entre estados predominantes e inferiores), podem ser considerados os meios mais plausíveis de contato entre mundo externo e mundo interno; mundo manifesto e mundo imanente, por fazerem com que as imagens primordiais se tornem conscientes, apesar da não existência de sua forma. Segundo Jung, essas imagens herdadas podem “ser comparadas ao sistema axial de um cristal, que pré-forma, de certo modo, sua estrutura no líquido mãe, apesar de ele próprio não possuir uma existência material” (Jung, 2011, v. 9/1, § 155, p. 87).

Talvez essa seja a visão de mundo com maior dificuldade de aceitação para os constructos racionais: reconhecer o que está além do sentido primeiro, para além das formas dadas como signo, da genética recebida, da estrutura mentalizada, da inserção da cultura religiosa. Tal percepção requer que a função pensamento deixe as demais funções psíquicas – sensação, sentimento e intuição – se equalizarem, levando o humano a uma maior compreensão dos ecos do universo, em constante interação com a experiência do humano com o supra-humano. Esse acontecimento faz com que as coisas em si se elevem, ao experienciar as seivas do *Princípio Transcendente*, realidade inerente na natureza da estrutura humana que requer movimentos sincrônicos entre corpo, mente e alma, em interação com o mundo circundante, ou seja, com toda criação que de certo modo preenche

¹¹ Por sincronicidade entende-se uma *coincidência significativa* de dois ou mais acontecimentos não determinados especificamente por uma causalidade entre estado psíquico e mundo externo.

a experiência consciente.

Ao mesmo tempo, esse também é o caminho para nos depararmos com os limites que o supra-humano nos impõe e nos comunica. Isso torna a pergunta pela nossa origem imersa nas contribuições advindas do universo plural das linguagens, dentre elas o relevante sentido da linguagem imagética. O símbolo “descobre um metassentido em um primeiro sentido” (Croatto, 2010, p. 96) ou, como afirma Jung, em seu *Livro Novus* — caderno de transformação interior —, “O símbolo não pode ser ideado nem inventado: ele se torna” (Jung, 2010, p. 311). Ele não se aprisiona em sistemas causais, em coisas prontas e estruturas pré-fabricadas, nem mesmo ao conflito das ideias simbólicas que permeiam as teorias evolucionistas e criacionistas quando em contato com o paradoxo: razão (constructo científico/crença no logos) e fé (sentido experiencial/crença no supra-humano).

Assuntos que permeiam a estrutura elementar da natureza viva, que continuamente movem nossa energia psíquica, e que ainda geram sérios conflitos entre a Ciência e a Religião quando estas se fixam nas diversidades como opostos não intercambiáveis, ainda persistem no âmbito da pesquisa acadêmica. Além disso, muitos se esquecem de perceber os pontos unívocos que desvelam verdades psicológicas, metafísicas e mitológicas que não encontram caminhos de decodificação sobre as forças objetivas e subjetivas em constante reconciliação com as *unidades vivas* da psique inconsciente.

Projeções, convicções, complexos autônomos, estados mentais desviados da orientação consciente (como as fantasias, os sonhos, os processos criativos — arte, poesia — dentre outros) acompanham, portanto, o desenvolvimento do eu e da personalidade, pois o humano passa por estágios arquetípicos que coexistem espontaneamente no itinerário rumo a sua totalidade psíquica¹². Em analogia às projeções mitológicas que amplificam nossa compreensão sobre a natureza do dinamismo psíquico, o aluno colaborador de Jung, Erich Neumann (1905-1960), ressalta em seu livro *História da origem da consciência* que:

Do ponto de vista psicológico, a uróboros (*sic*), o estágio arquetípico inicial que forma o nosso ponto de partida, é uma experiência “fronteiriça”, sendo individual e coletivamente pré-histórico no sentido de que a história só começa com um sujeito capaz de fazer experiências, isto é, com um ego e uma consciência já existente. O estágio inicial, simbolizado pela uróboros (*sic*), corresponde a um estágio pré-ego e, da mesma maneira que antecede a história humana, assim, também, na história do desenvolvimento individual, pertence ao estágio da mais tenra infância, quando existe apenas o germe ego. Mas, apesar de esse estágio só poder ser experimentado “na fronteira”, os seus sintomas e simbolismos

¹² O conceito de totalidade psíquica em Jung se refere ao mais profundo do si mesmo, no qual o humano só o experiencia, quando dinamiza suas forças conscientes e inconscientes — relacionadas aos conteúdos pessoais e das imagens arquetípicas —, para assim atingir *estados de inteireza*, e não o impossível estado de perfeição, como enfatizado/almejado em alguns segmentos religiosos.

exercem importante efeito sobre amplas áreas da vida individual e coletiva do homem. A sua situação original, que é representada mitologicamente como a uróboros (*sic*) corresponde ao estágio psicológico da pré-história do homem, na qual o indivíduo e o grupo, o ego e o inconsciente, o homem e o mundo, estavam ligados de maneira tão indissolúvel entre si que a lei da *participation mystique*, da identidade inconsciente, prevalecia entre eles. O destino essencial do homem, pelo menos do homem moderno, se desenvolve em três frentes correlacionais, porém, claramente distinguíveis uma da outra. Os três fatores básicos que determinam o destino do homem são: o mundo como universo exterior dos eventos exteriores ao homem, a comunidade como terreno das relações inter-humanas e a psique como mundo da experiência humana interior. O encontro criativo entre o homem e cada um desses fatores é decisivo para o desenvolvimento do indivíduo (Neumann, 1968, p. 195-196, grifos do autor).

Assim, nos deparamos com algumas das potencialidades necessárias à somatória de nossas manutenções/retroalimentações existenciais, tornando imprescindível a compreensão do universo dos símbolos para amplificar o entendimento da totalidade psíquica, colocando-nos em conexão com essas *ideias superiores* — que simbolizam “[...] a meta do processo, mas não o início” (Jung, 2011, v. 14/2, § 375, p. 321). Como na representação simbólica do Uróboro (aspiral da evolução que une os opostos), o humano, através do reconhecimento e esforço conjunto, valoriza o equilíbrio de todas as nossas funções psíquicas espirituais, ou seja, se mantém atento ao fato de que a vida interior possui em si forças provenientes da essência humana e/ou eminentemente advindas de um Deus/supra-humano que se comunica e nos coloca no sentido da vida.

Essa imersão favorece o reconhecimento de todas as religiões como meios para se viver a práxis religiosa com um autêntico conhecimento de si mesmo e de sua inesgotável vida simbólica. Tal fato gera o reconhecimento do outro nas infinitas expressões do supra-humano (emanações afetivas *numinosas*), valorizando a via identitária da religião e/ou espiritualidade de pertença, quando esta reverbera o sentido que move a alma até o mergulho de suas profundidades, na qual o inefável *Princípio Transcendente* por gratuidade coabita.

3. A MULTICPLICIDADE DE SENTIDOS ENCONTRADA NA DINAMICIDADE DOS SÍMBOLOS VIVOS

O humano pode, no seu caminhar, inconscientemente acompanhar apenas a projeção de sua própria sombra (elementos obscuros e tensos), que dentro de si se manifestam ocultamente, mas em determinado momento vivencial é convocado a dar um giro de 360° para assim ampliar conscientemente o entendimento de si mesmo. Compreender-se como um ser tecido em uma multiplicidade de sentidos relacionais, fruto de sua época, mas também de sua própria natureza, onde a resolução dos opostos age simbolicamente,

revigorando forças que, conforme Jung (2011, v.6, § 790), interpõem-se. Como por exemplo, quando uma cachoeira liga céu e terra, quando o sol é aparentemente escondido pela rotação que nos coloca na penumbra da noite.

Nesse espectro multiforme, mas unívoco, como supracitado, os fenômenos anímicos são manifestos por intermédio das diversas expressões humanas: alegóricas, musicais, artísticas/atos criativos, na beleza da força imagística da poesia, no material mitológico, dentre outras. Essas formas de dizer de si promovem a união consciente de realidades concretas que nascem da necessidade de decodificar experiências emocionais, sensoriais, imaginativas, intuitivas e objetivas. Como a percepção de um estímulo externo, capturado por um órgão do sentido humano, pode provocar um afetamento interior, tornando os sentimentos de maior profundidade em algo consciente? Considera-se que “O afeto pode alterar o tempo que as imagens permanecem no palco da mente e a nitidez com que são percebidas. Conteúdos precisos, de um lado, e afeto, do outro, são construídos pelo organismo de modo distinto, mas totalmente interativos” (Damásio, 2022, p. 69). Para Jung, o afeto pode ser compreendido como:

[...] um estado de sentimento, caracterizado, de um lado, por intervenções perceptíveis do corpo e, de outro, por uma perturbação peculiar do curso das ideias. Emprego afeto como sinônimo de emoção. Distingo – ao contrário de Bleuler (v. afetividade) – sentimento de afeto, ainda que a transição de um para o outro tenha contornos vagos porque todo sentimento, ao atingir certo grau de força, liberta inervações corporais e se torna afeto. [...] entendo o afeto, por um lado, como estado psíquico de sentimento e, por outro, como estado fisiológico de inervações, tendo cada qual efeito cumulativo e recíproco sobre o outro, isto é, um componente da sensação alia-se ao sentimento intensificando de modo que o afeto fica mais próximo das sensações e essencialmente diferenciado do estado sentimental. Incluo afetos exacerbados, isto é, acompanhados de violentas inervações corporais, não no campo da função sentimental, mas no campo da sensação (Jung, 2011, v. 6, § 751, p. 423-424).

Diversas e até mesmos conflituosas são as tonalidades afetivas experienciadas pela energia da natureza psíquica que contém em si processos conscientes e inconscientes, que atuam na subjetividade/desenvolvimento da personalidade interna (sombras, personas, anima e animus, predomínio de estados introvertidos ou extrovertidos¹³), em paralelismo com a personalidade externa (coletiva). Esses fatores geram, portanto, sintomas psíquicos

¹³ Conceitos centrais desenvolvidos por Jung não só a partir de seus estudos teóricos interdisciplinares, mas principalmente após sua decisão em si mesmo, na qual os caminhos de sua autoexperimentação o levaram a lidar com atitudes intuitivas *numinosas*. Estas o ajudaram na integração da *anima-animus* (o feminino e o masculino contido na energia psíquica), no enfrentamento das sombras e personas (atitudes negativas que merecem clarificações e ressignificações relacionais) e na primazia de sua personalidade introspectiva, sem com isto negligenciar fenômenos advindos do mundo circundante.

conflituosos e estados numinosos curativos. Para amplificar o entendimento dos *afetos/estados de sentimentos numinosos*, torna-se importante destacar que: “Os sentimentos não são puramente mentais; são híbridos da mente e do corpo; passam com facilidade da mente para o corpo e vice-versa; e perturbam a paz mental [...]. Sentimentos foram e são o princípio de uma aventura chamada consciência” (Damásio, 2022, p. 91).

Jung nos confirma que o pensamento pode ser ativo/dirigido/função racional-consciente e passivo/intuição intelectual/função irracional-inconsciente, podendo ou não existir um pensamento sentimental que se coloca a favor ou não da intenção do sentimento. Sendo pensamento e sentimento funções racionais/reflexivas, elementos objetivos e subjetivos são valorados. Já:

As funções irracionais, ao contrário, são as que objetivam mera percepção, como a intuição e a sensação; devem ser desprovidas, tanto quanto possível, do racional — que pressupõe a exclusão de tudo que é não racional — para chegar a uma percepção completa de todo o porvir (Jung, 2011, v. 6, § 886, p. 479).

Deste modo, a sensação/percepção consciente reativa os sentidos que implicitamente estão correlacionados aos fenômenos físicos internos, portanto, associam-se aos estados psíquicos de sentimentos, os quais produzem na alma diversificadas tonalidades afetivas. O mesmo processo acontece quando o humano entra em contato com os símbolos religiosos que ele na natureza de sua vida psíquica consegue sentir para através da intuição/percepção inconsciente ressignificar, amplificar, acolher em tonalidades afetivas que se acomodam nas profundidades da alma.

Neste curso frutivo da psique, a razão, ao se deparar com essa pulsante força simbólica existente na vida interior, deve reconhecer os seus limites, pois trata-se de uma experiência do inefável, na qual os argumentos lógicos, sozinhos, não alcançam a síntese que compõe uma unicidade sincrônica, ocasionada pelo encontro dos efeitos causais e acausais. Nela a vivacidade das imagens arquetípicas, cuja função transcendente resulta da união dos conteúdos conscientes e inconscientes, se torna primordial, portanto:

Mediante estes aspectos apresentados na dinâmica desta função, Jung vai buscar compreender o que se passa na mente dos seres humanos: nos sonhos, nas crenças, nos mitos, na forma relacional dos povos primitivos e da sociedade de sua época em relação às manifestações do *numinoso*. Enfim, pesquisar, como já mencionado, sobre o porquê do homem ter se distanciado tanto dos acontecimentos naturais e do seu sentido simbólico. Pois para Jung: ‘Nossa fé teme a ciência e também a psicologia, e desvia o olhar da realidade fundamental do *numinoso* que sempre guia o destino dos homens’ (Jung, 2011, v. 18/1, § 273). Esta perda é compensada pelas manifestações da vida simbólica inconsciente (Ferreira, 2017, p. 116-117, grifos da autora).

Por conseguinte, anterior a essa força simbólica arquetípica, um estado original de essência pura a precede. Tudo isso nos evidencia a importância de diante do problema Deus (constructo racional) nos abrimos para sentir as tonalidades afetivas do *numinoso* que cumprem a função de promover estados psíquicos manifestos em expressões de sentimento unitivo, promovendo, assim, a saúde integral de quem experiencia tal fenômeno. É então em prol da construção de um diálogo no qual a tarefa narrativa, o pulsar da estética e a tarefa teórica entram em sintonia com o ato transformacional que circunda os acontecimentos históricos/religiosos e a-históricos/místicos que compõem o desenvolvimento da alma, que novas possibilidades emergem.

Essa interação do humano com suas funções psíquicas e com o que nela se apresenta como fenômeno transcendente/inefável se doa como fatos reais. Segundo Alleau (2001, p. 19), “A realidade não exige que a reduzamos aos limites do nosso pensamento: convida-nos antes a fundir-nos na ausência dos seus”, já que não temos, nem ao menos, como saber quando Deus se tornou realidade pensante na consciência humana, mas temos como compreender, através de algumas fecundas experiências espirituais e místicas, de que maneira certa tonalidade afetiva *numinosa* atua no mais profundo da alma gerando estados psíquicos de sentimentos pacíficos e unitivos. Esse movimento coloca em diálogo os valores que a Vida Simbólica Arquetípica une através dos elementos *numinosos espontâneos* e que atravessam a dinâmica psíquica, levando-nos a compreender suas diversidades e similaridades, fatores que nos tornam conscientes dos nossos limites e do que nos une em sua infinita vastidão, em um estado de Criação que se deixa encontrar:

Nesta acepção, o símbolo permite a evolução do homem no plano consciencial, enquanto vem a prospectar — mediante o análogo do objetivo do instinto — a possibilidade de síntese entre natureza e cultura. Esta concepção se insere na corrente hermenêutica que assume o símbolo no significado de “dissimulação” e “substituição”. Os símbolos arquetípicos exprimiriam, ao lado das temáticas comuns ao gênero humano, as temáticas relativas a diferentes organismos socioculturais que estruturam os vários mitos familiares, regionais e nacionais (Pieri, 2002, p. 459).

Como expressão mediadora das imagens arquetípicas, os símbolos vivos favorecem os níveis relacionais estabelecidos na natureza da energia psíquica. Eles possuem caráter individual, espiritual, cultural, familiar artístico e universal que de modo próprio nos conduzem a compensações subjetivas e coletivas imemoriáveis, mas ao mesmo tempo atualizadas pela dinamicidade a que os símbolos aludem.

Somos então partícipes desse mistério primevo, que só nossas vivências mais profundas conseguem atingir, por serem parte atemporal da desenvoltura da alma, que, ao nos comunicar vestígios simbólicos através das pluralidades de formas e da gratuidade que só o supra-humano pode nos revelar, reafirmam, a importância do respeito ao universo religioso, arreligioso, espiritual e/ou místico. Desse modo, é através do ato empático e amoroso que a descida do humano na essência dos fenômenos *numinosos* manifestos ou não na consciência, devido ao efeito psicoide (parte que jamais se tornará para o humano algo consciente), se depara com o mistério advindo dos desvelamentos da *numinosidade* que a penetra, pois:

É uma peculiaridade da alma ser não apenas mãe e origem de toda a ação humana, como também expressar-se em todas as formas e atividades do espírito; não podemos encontrar em parte alguma essência da alma em si mesma, mas somente percebê-la e compreendê-la em suas múltiplas formas de manifestação (Jung, 2011, v. 15, §132, p. 86).

É relevante destacar que essa multiplicidade de sentidos pertencentes à alma está manifesta nas diversas religiões e cultos espirituais, nas singularidades e diversidades que elas apresentam, nas quais a tessitura do manto sagrado que as compõe não se torna de tudo perceptível, já que a maioria das religiões ainda se perde na dinâmica do poder, na desatenção às expressões Sagradas e Profanas que a fé põe em evidência, na negligência à riqueza que a Vida Simbólica nos revela por não ser captada pelo excesso da razão e do próprio tecido que rege a complexa natureza humana com seus instintos em descontrole na natureza psíquica. Isto faz com que o reconhecimento dessas dimensões aqui relacionadas – Deus, o Universo e o humano – não encontre os canais condutores que religam ciência e fé. Deste modo, torna-se difícil elevar o exercício do diálogo inter-religioso ao nível da alteridade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema de se pensar Deus e o universo sempre foi analisado como um desafio ao entendimento do humano, pois não pode ser reduzido a relações intrapessoais e interpessoais, ou a uma saída que encontra somente no *rosto do outro* a compreensão de sua parte na totalidade, uma vez que “[...] homens não apenas são graça e favor para os outros, mas também muitas vezes são ameaça, violência e aniquilação, e com meios técnicos cada vez mais sofisticados” (Schillebeeckx, 1994, p. 129).

Essa maneira tão inerente ao processo de humanização inúmeras vezes oculta uma

práxis de justiça e de amor, exatamente porque, na ânsia de compreender o Problema Deus, o humano O coloca na margem do raciocínio lógico, nas representações da fé, nas discussões, se suas manifestações são de ordem horizontal ou vertical, em uma *reserva divina* recolhida como migalha e menos nas mediações que sempre se deparam com o mistério, justamente por ser Ele a possível síntese do amor, que deixou em toda natureza criada a possibilidade de se recriar, também, a partir das *disposições vivas* do inconsciente.

Com a consciência, então, de que as análises dessa ordem/origens são humanamente difíceis, principalmente quando elas se encontram nos limites da mente humana que se propõe a analisar o mistério – Deus –, podemos afirmar que este experienciar vai além das representações e projeções que o humano faz e consegue descrever como imagens de Deus e/ou negação de sua atuação na fluidez do microcosmo humano em interação com o macrocosmo. São, portanto, mediações *numinosas* pelas quais o *Princípio Transcendente* move as imagens arquetípicas que, ao se doarem com gratuidade em sinfonias, levam o humano a se integrar responsabilmente com a pluralidade da natureza viva e com tudo que nela circunda. Esse dinamismo, que parte das múltiplas telas de nossas raízes ancestrais, evoca o despertar de pontos unitivos entre o humano e o mistério que o transcende.

No entanto, o que constatamos é que, interpelados ora por um deus transcendente, ora por um deus projetado, os argumentos científicos tentam classificar Deus: sua real existência ou sua morte; sua interferência na liberdade humana; sua neutralidade mediante o sofrimento humano; sua intervenção pela fé e pela graça; seu ocultamento na promoção do humano; sua mediação encarnada, revelada e seus pontos obscuros. Isso nos faz reconhecer a importância das mediações da Vida Simbólica como fecundas possibilidades dialogais para o entendimento da hierofania do supra-humano. Ou melhor, entre *deus, deuses e Deus*¹⁴ é necessária uma linguagem interior que decodifique o que o humano pensa do que ele experiencia de tudo o que lhe transcende, mas que, por gratuidade, o torna partícipe de um fecundo e infinito *encontro dialogal e amoroso com o universo e os mistérios que nos rodeia*.

Constatou-se que esse encontro possui partes que escapam da apreensão científica, pois sendo o fenômeno humano de natureza psicofísico-espiritual e o universo algo maior “nada é mais vulnerável e passageiro do que as teorias científicas que sempre são meros instrumentos e nunca verdades eternas” (Jung, 2011, v. 18/1, § 577, p. 271). Nada é mais real

¹⁴ Temática abordada em uma pesquisa de campo que foi realizada na cidade de Itabirito, Minas Gerais, com a colaboração de várias instituições educacionais e religiosas, e teve como público-alvo a gentil colaboração de 135 crianças que participaram da entrevista semiestruturada. Como resultado de pesquisa, o livro *deus, deuses e Deus* será lançado para o público infantil e adulto.

que a convicção de que somos incapazes de nos criar e de arquitetar a pluralidade do belo presente no universo que nos circunda, portanto, inseridos neste fluir alquímico da vida interceptada pelo cosmos, torna-se essencial inebriarmos do silêncio que nos religa ao *germe da Criação*, única essência pura que na totalidade objetiva e subjetiva do humano desperto ou não, gratuitamente se manifesta.

REFERÊNCIAS

ALLEAU, René. **A ciência dos símbolos**: contribuição ao estudo dos princípios e dos métodos da simbólica geral. Lisboa: Edições 70, 2001.

CHARDIN, Teilhard de. **La energia humana**. Spain: Taurus Ediciones, 1967.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010

DAMÁSIO, Antônio. **Sentir & saber**: As origens da consciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

FERREIRA, Soraya Cristina Dias. **Freud & Jung**: do complexo de Édipo à alma naturalmente religiosa. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Editora Fi, 2017. Disponível em: <http://www.editorafi.org/141soraya>. Acesso em: 24 out. 2024.

FERREIRA, Soraya Cristina Dias. **O humano a caminho de um centro mais profundo**: leituras da alma da alma apresentada por Edith Stein e da totalidade psíquica por Jung. São Paulo: Editora Dialética, 2024.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. (Col. Obras completas de C. G. Jung em português. v. 8/2).

JUNG, Carl Gustav. **A vida simbólica**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. (Col. Obras completas de C. G. Jung em português. v. 18/1).

JUNG, Carl Gustav. **Cartas de C. G. Jung**. Trad. Edgard Orth; Edit. Aniela Jaffé; em colaboração com Gerhad Adler. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, v. 3 [1956-1961], 2002.

JUNG, Carl Gustav. **Mysterium Coniunctionis**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. (Col. Obras completas de C. G. Jung em português. v. 14/2).

JUNG, Carl Gustav. **O livro vermelho: liber novus**. Ed. fac-similar Petrópolis: Vozes, 2010.

JUNG, Carl Gustav. **O espírito na arte e na ciência**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011 (Coleção Obras completas de C. G. Jung em português. v. 15).

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011 (Coleção. Obras completas de C. G. Jung em português. v. 9/1).

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e religião**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. (Coleção Obras Completas, v. 11/1).

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da transformação: análise dos prelúdios de uma esquizofrenia**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. (Coleção. Obras completas de C.G. Jung em português v. 5).

JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. (Coleção. Obras completas de C.G. Jung em português v. 6).

NEUMANN, Erich. **História da origem da consciência**. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

OTTO, Rudolf. **O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PIERI, Paolo F. **Dicionário junguiano**. São Paulo: Paulus, 2002.

SCHILLEBEECKX, Edward. **História humana: revelação de Deus**. São Paulo: Paulus, 1994.

Conflito de interesses: *A autora declara não haver conflito de interesses.*

Recebido em: 26-04-2023

Aprovado em: 06-04-2024

Editor de seção: Flávio Senra